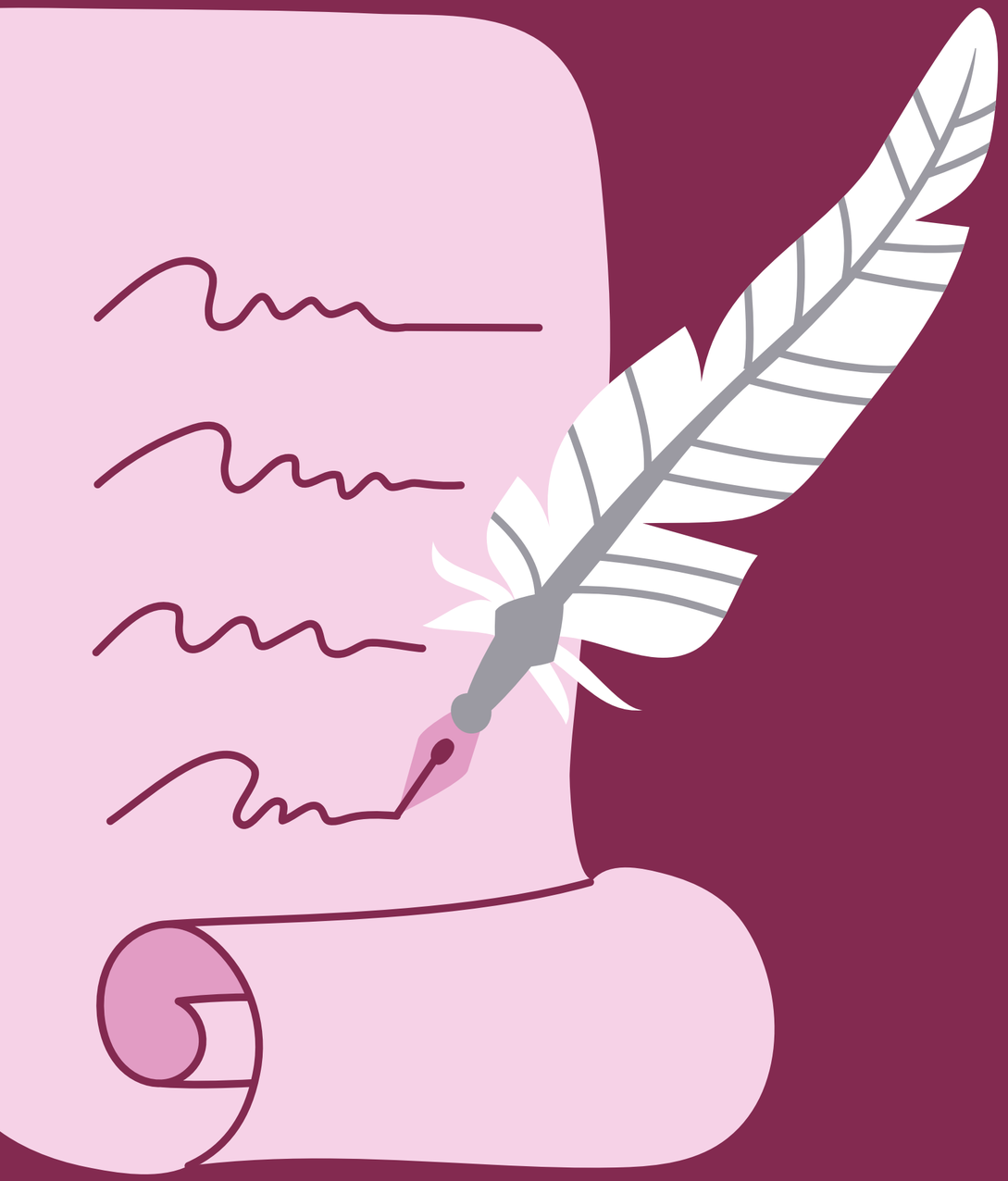


Um convite à poética rosa

Profa. Dra. Aline Maria Miguel Kapp
Profa. Dra. Natalia Helena Wiechmann

TALENTO ROSA

INSTITUTO FEDERAL
São Paulo
Campus Barretos

Objetivo

Apresentar uma proposta de trabalho com o gênero poesia em sala de aula, a fim de estimular os alunos a criarem suas próprias composições poéticas.

Conteúdo

1. Apresentação e discussão iniciais
2. Leitura de poemas
3. Referencial teórico
4. Atividade prática e discussão pedagógica
5. Sugestões de atividades para sala de aula
6. Finalização

O que é poesia?

Tente definir o que é um texto poético
em poucas palavras.

O que faz um texto ser poesia?
Para que serve a poesia?
O que o estudante pensa que é poesia?

Leitura de poemas

Quais são as características desse texto?

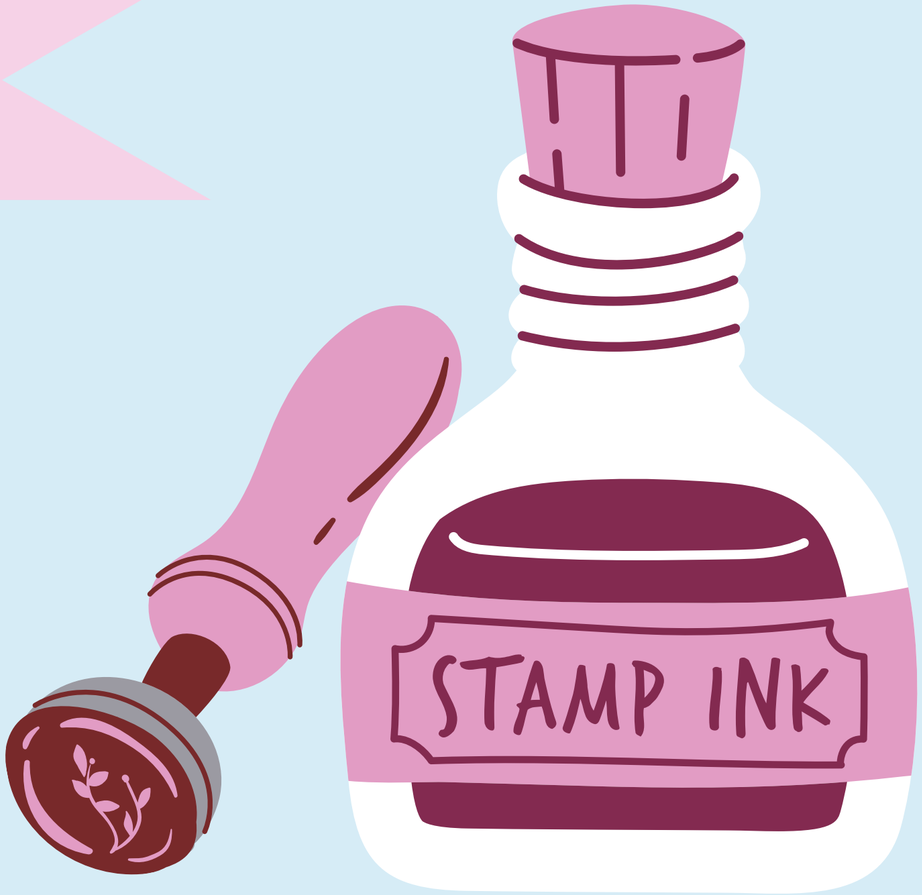
Há imagens ou sons recorrentes?

Que sentimentos o poema evoca e/ou desperta no leitor?

Quais os elementos que se destacam nessa composição poética?

Compartilhar

“"A interpretação pode ser dividida em dois momentos: o interior e o exterior. O interior é o da construção do sentido individual, que se dá no encontro do leitor com o texto. O exterior é o do compartilhamento da interpretação, quando o leitor expõe para os outros a sua leitura e escuta a leitura dos demais. Na escola, esse momento é fundamental, pois, ao compartilhar suas interpretações, os alunos adquirem consciência de que fazem parte de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.” (COSSON, 2009, p.65)



O estudo analítico do poema (2009)
Antonio Candido

Palavra

"A palavra, portanto, é a unidade de trabalho do poeta e a peça que compõe o verso. Palavra como conceito, como ligação, como matiz do conceito, como unidade sonora que desperta um prazer sensorial pela sua própria articulação [...] O ritmo cria a unidade sonora do verso; as palavras criam a sua unidade conceitual; a unidade sonora e a unidade conceitual formam a integridade do verso, que é a unidade do poema." (p.95)

Som

"Todo poema é basicamente uma estrutura sonora." (p.37)
"Ele [o ritmo] é a alma, a razão de ser do movimento sonoro, o esqueleto que ampara todo o significado."(p.69)
"O metro dá ao ritmo limites e apoio, para que ele crie a modulação expressiva do verso"(p.93)

- *Rima*
- *Ritmo*
- *Metro*

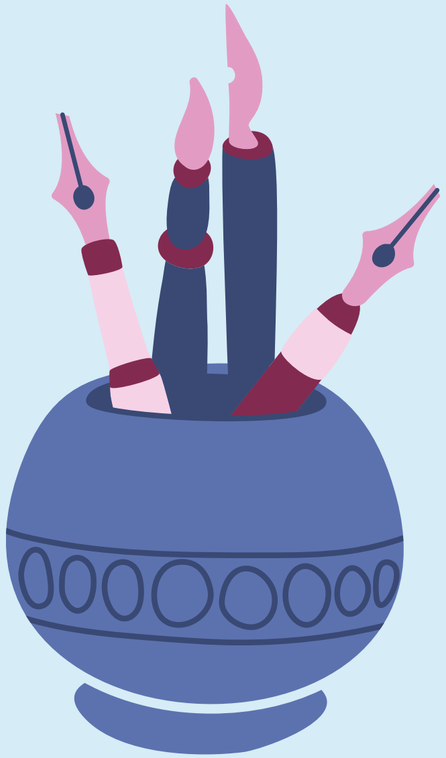
Imagem

"A base de toda imagem, metáfora, alegoria ou símbolo é a analogia, isto é, a semelhança entre coisas diferentes." (p.105)

"Gente fria, sem paixões, sem intensidade emocional, não faz poesia grande.Ora, esta generosidade de temperamento está ligada a uma forte sensorialidade [...]; a uma capacidade de perceber viva e intensamente com os sentidos; logo, de apreender com força as coisas e o espetáculo do mundo." (p.105-106)

- *Figuras*
- *Símbolos*
- *Metáforas*
- *Alegorias*

Atividade prática



1. Escolha um dos poemas lidos;
2. Escreva uma estrofe autoral com dois a quatro versos, seguindo a linha temática do poema, que possa ser incluída entre as estrofes ou na conclusão dos versos;
3. Retire sua estrofe autoral do poema e complete-a com mais uma estrofe de sua própria autoria.

Compartilhamento e discussão

Que adaptações poderiam ser feitas nessa atividade para ser aplicada à sua sala de aula?

Sugestões de atividades em sala de aula
Neusa Sorrenti (2013)

Escrita automática

- Escrever rapidamente uma porção de palavras que o aluno considerar cheias de significado.

- *Eixo temático;*
- *Nuvem de ideias;*
- *Intertexto.*

Associação livre

- Escrever palavras associadas (antônimos, sinônimos, etc.) àquelas já escolhidas ou retiradas do poema.

- *Leitura prévia de poema;*
- *Intertexto.*

Enumeração

- Compor o poema a partir de uma sequência de elementos em versos, sem utilizar verbos (frases nominais)

Um rio
Uma ponte
Um menino
O sol
O vento

O vento
Um anzol
Um sabiá
Que saudade
Rio Pará

(Sorrenti, 2013, p. 115)

Sugestões de atividades em sala de aula
Andrade (2013)

Desconstrução

- Alterar o poema, substituindo palavras por seus sinônimos ou antônimos, invertendo frases, assim como transformar afirmativa em negativas e vice-versa

Corte

- Eliminação de uma ou duas palavras de cada verso do poema escolhido;

Listagem

- Após os cortes no poema, escolher as palavras mais importantes restantes e fazer uma lista com as mesmas;

Escrita restritiva

- Compor um poema apenas com as palavras escolhidas para a listagem.

TALENTO ROSA

ha

O **“Talento Rosa”** é um projeto do Hospital de Amor que acontece em parceria com as escolas públicas e privadas de Barretos e região, que tem como objetivo estimular crianças e adolescentes de forma lúdica (artística) a refletirem sobre o câncer de mama e suas formas de prevenção, assim como, conscientizar as mulheres de seu convívio sobre a importância da prevenção e do diagnóstico precoce da doença. A ação se dá por meio da produção de desenhos e poesias.

Orientações:

Modalidade Poesia:
Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio

Promover a reflexão junto aos estudantes sobre prevenção do câncer de mama, estimulando a escrita de uma poesia nos formatos de 2 (dois), 10 (dez) ou 14 (quatorze) versos.

Importante: no site ha.com.vc/talentorosa está disponível a folha padrão para a poesia (opcional).

Entrega e Prazo

Cada sala de aula deverá eleger uma poesia que represente a reflexão da turma. Em seguida, as escolas deverão enviar **uma cópia das poesias** selecionadas para o Hospital de Amor até 31/10/2025, por meio do Formulário de Submissão dos Trabalhos **(link: redcap.link/talentorosa2025)**.
Neste formulário, também deverão preencher os dados referentes à participação no projeto.

Exposição

Caberá às escolas, de acordo com suas possibilidades, organizar uma exposição com os trabalhos selecionados. A exposição poderá ser nas escolas ou em unidades de saúde e hospitais de suas respectivas cidades, de forma presencial ou online.

#TALENTOROSA2025

No dia 19/10 venha conosco às redes sociais compartilhar atos que expressem o nosso desejo de um mundo melhor sem o câncer de mama. Compartilhe neste dia os desenhos, poesias, vídeos e fotos de sua escola, família e comunidade utilizando a #TalentoRosa2025.

Junte-se a nós para sermos a # mais comentada do Brasil.

Realização:

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE E CÂNCER NAS ESCOLAS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EM CÂNCER

ha
HOSPITAL DE AMOR

Escaneie e doe

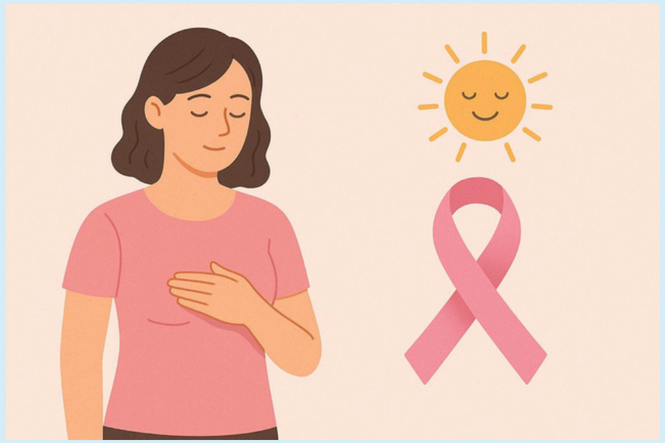
Proposta de Atividade para motivação

Imagem - Poema

- Mostrar aos estudantes uma sequência de imagens relacionadas à temática da conscientização sobre **prevenção do câncer de mama;**

- Estimular a produção de um poema que reflita essa temática.

Sugestão de imagens



Referências

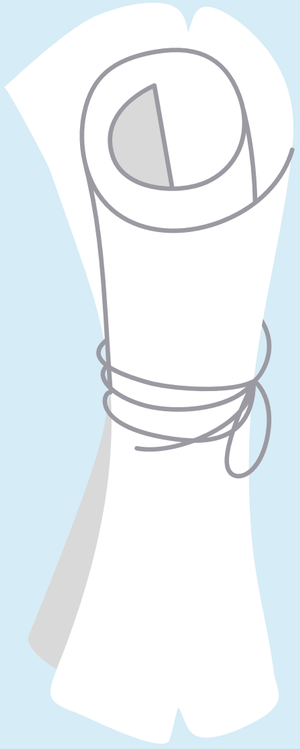
ANDRADE, Fábio Cavalcanti de. Oficina de criação poética: uma prática pedagógica para o ensino de literatura. **Encontros de Vista**, Recife, v. 11, n. 1, p. 46-59, jan./jun. 2013.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema.** 5.ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

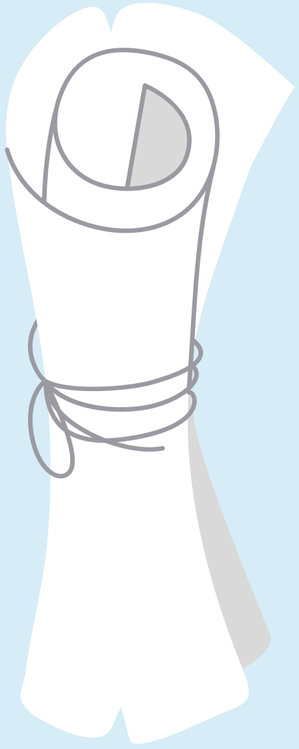
SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola:** reflexões, comentários e dicas de atividades. 2. e.d. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Muito obrigada!



Aline M. M. Kapp alinekapp@ifsp.edu.br

Natalia H. Wiechmann nataliahw@ifsp.edu.br



Oficina Talento Rosa 2025: Um Convite à Poética Rosa

Instrutoras: Aline Maria Miguel Kapp e Natália H. Wiechman

Por que sou forte, Narcisa Amália (1852-1924)
a Ezequiel Freire

Dirás que é falso. Não. É certo. Desço
Ao fundo d'alma toda vez que hesito…
Cada vez que uma lágrima ou que um grito
Trai-me a angústia – ao sentir que desfaleço…

E toda assombro, toda amor, confesso,
O limiar desse país bendito
Cruzo: – aguardam-me as festas do infinito!
O horror da vida, deslumbrada, esqueço!

É que há dentro vales, céus, alturas,
Que o olhar do mundo não macula, a terna
Lua, flores, queridas criaturas,

E soa em cada moita, em cada gruta,
A sinfonia da paixão eterna!…
– E eis-me de novo forte para a luta.

Paisagem, Francisca Júlia (1871-1920)

Dorme sob o silêncio o parque. Com descanso,
aos haustos, aspirando o finíssimo extrato
que evapora a verdura e que deleita o olfato,
pelas alas sem fim das árvores avanço.

Ao fundo do pomar, entre as folhas, abstrato
em cismas, tristemente, um alvíssimo ganso
escorrega de manso, escorrega de manso
pelo claro cristal do límpido regato.

Nenhuma ave sequer, sobre a macia alfombra,
pousa. Tudo deserto. Aos poucos escurece
a campina, a rechã sob a noturna sombra.

E enquanto o ganso vai, abstrato em cismas, pelas
selvas adentro entrando, a noite desce, desce...
e espalham-se no céu camândulas de estrelas.

Aninha e Suas Pedras, Cora Coralina (1889 - 1985)

Não te deixes destruir…
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entraves seu uso
aos que têm sede.

Assim eu vejo a vida, Cora Coralina (1889 - 1985)

A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo

Ensinamento, Adelia Prado (1935)

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou comigo:
“Coitado, até essa hora no serviço pesado”.
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.

Com Licença Poética, Adelia Prado (1935)

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

Dona doida, Adelia Prado (1935)

Uma vez, quando eu era menina, choveu grosso
com trovoadas e clarões, exatamente como chove agora.
Quando se pôde abrir as janelas,
as poças tremiam com os últimos pingos.
Minha mãe, como quem sabe que vai escrever um poema,
decidiu inspirada: chuchu novinho, angu, molho de ovos.
Fui buscar os chuchus e estou voltando agora,
trinta anos depois. Não encontrei minha mãe.
A mulher que me abriu a porta riu de dona tão velha,
com sombrinha infantil e coxas à mostra.
Meus filhos me repudiaram envergonhados,
meu marido ficou triste até a morte,
eu fiquei doida no encalço.
Só melhoro quando chove.

Atrás dos olhos das meninas sérias, Ana Cristina Cesar (1952-1983)

Mas poderei dizer-vos que elas ousam? Ou vão, por injunções
muito mais sérias, lustrar pecados que jamais repousam?

Cabeceira, Ana Cristina Cesar (1952-1983)

Intratável.
Não quero mais pôr poemas no papel
nem dar a conhecer minha ternura.
Faço ar de dura,
muito sóbria e dura,
não pergunto
“da sombra daquele beijo
que farei?”
É inútil
ficar à escuta
ou manobrar a lupa
da adivinhação.
Dito isto
o livro de cabeceira cai no chão.
Tua mão que desliza
distraidamente?
sobre a minha mão

Recuperação da adolescência, Ana Cristina Cesar (1952-1983)

é sempre mais difícil
ancorar um navio no espaço

Motivo, Cecília Meireles (1901-1964)

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

Retrato, Cecília Meireles (1901-1964)

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Eu-Mulher, Conceição Evaristo (1946)

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.

Vozes-mulheres, Conceição Evaristo (1946)

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha

se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

Eu, Florbela Espanca (1894 - 1930)

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada… a dolorida…

Sombra de névoa tênue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!…

Sou aquela que passa e ninguém vê…
Sou a que chamam triste sem o ser…
Sou a que chora sem saber por quê…

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver,
E que nunca na vida me encontrou!